

FICHA TÉCNICA

Título original: *Wish Girl*

Autora: *Nikki Loftin*

Copyright © 2014 Nikki Loftin

Edição portuguesa publicada por acordo com Razorbill, uma chancela da Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução de toda ou parte da obra sob qualquer forma ou meio

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Cristina Carvalho*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2015

Depósito legal n.º 397 960/15

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Capítulo 1

N o verão antes de fazer treze anos, fiquei tão imóvel que ia morrendo.

Sempre fui quieto, silencioso. Até treinava: sustar a respiração, sustar até os meus pensamentos em perfeita imobilidade. Era a única coisa em que era melhor do que quem quer que fosse, mas acho que isto fazia com que toda a gente me achasse anormal. Cansei-me de ouvir a minha família dizer «O que é que se passa com o Peter?».

Passavam-se muitas coisas comigo. Naquele momento, porém, a mais grave era a cascavel sobre os meus pés.

Tinha acabado de fugir de casa pela primeira vez. *E provavelmente também pela última*, pensei, olhando para baixo, pestanejando devagarinho, como se, fechando os olhos, fosse capaz de fazer a cobra desaparecer.

Fiquei o mais imóvel possível, mesmo na beirinha de um penhasco de calcário, com as biqueiras dos ténis de fora do precipício, o coração a bater forte e rápido na garganta, o pescoço hirto e os olhos apontados às sapatilhas. Apontados à cascavel-diamante-ocidental, luzidia em castanho, preto e cinzento-prateado, enrolada à volta dos meus dois pés, enroscada sobre os laços dos atacadores.

A cabeça era nitidamente em forma de cunha e a cauda era castanho-clara, ornamentada com um guizo de oito anéis. Tive tempo para os contar; estava ali de pé há pelo menos quinze minutos, esforçando-me para não mexer um único músculo.

A minha boca tinha ficado seca como pó. Engoli com força e a cabeça da cobra, que estivera pousada em cima da minha sapatilha esquerda, junto ao meu tornozelo nu, elevou-se de repente, língua preta a experimentar o gosto do ar.

Sustive a respiração.

Por momentos, considerei pontapear aquele intruso para longe dos meus pés e desatar a correr. Mas depois tive noção de que a cascavel estava completamente enrolada nos meus tornozelos. Se tentasse dar-lhe um pontapé, morder-me-ia de certeza. Até aqui, tinha estado só a... cheirar-me, era o que parecia. Lembrava-me de ter lido este pormenor sobre cobras quando era pequeno. Elas cheiravam com a língua.

A minha esperança era que ela gostasse do que estava a cheirar, porque acabava de me lembrar de mais uma coisa. As cascavéis podiam atacar a uma distância duas vezes superior ao seu comprimento. Por isso, esta, se quisesse, seria capaz de me abocanhar algures na zona da garganta.

Botas, devia ter calçado botas. Ou, à falta de botas, pelo menos ter vestido umas calças de ganga, em vez dos estúpidos calções de educação física do 6.º ano.

Comecei a ver pontinhos pretos. Tinha de respirar. Foi o que fiz, devagarinho, tentando a todo o custo evitar fazer um som que fosse, para não atrair a atenção da cobra mais do que já tinha atraído.

A cobra não atacou, não se mexeu, continuou apenas a lambe o ar. E nisto, um centímetro de cada vez, foi-se aninhando sobre os meus pés.

Como se estivesse a planear fazer uma sesta.

Respirei lentamente e sem me mover, ou melhor, tentei fazê-lo, e perguntei a mim mesmo quanto tempo duraria a sesta de uma cobra. Quanto tempo teria eu de ficar ali de pé, com uma cobra enroscada nos tornozelos, à espera de ser mordido ou de me despenhar?

Alguém viria à minha procura, pensei. Não estava escondido, nem nada do género. Encontrar-me-iam. Bastava alguém vir àquele lado da colina e correr na mesma direção em que eu tinha corrido durante vinte minutos, mais coisa menos coisa.

Ali no meio do nada, no campo totalmente desabitado.

Quase soltei uma gargalhada. Jamais aconteceria. Estava retido, sem poder fazer nada a não ser esperar, sem poder sentir nada a não ser medo.

Enquanto ali estava, evitando o mais possível balançar-me para a frente e para trás para me equilibrar, senti que os meus ombros começavam a relaxar. Não havia nada que eu pudesse fazer, certo?

Nada a não ser permanecer imóvel. Ou morrer.

Capítulo 2

Não morri. Nem sequer fiquei em maus lençóis quando cheguei a casa quatro horas mais tarde. A verdade é que, se ninguém deu pela nossa falta, não conta como fugir de casa.

— O que é que fizeste hoje, Peter? — perguntou o meu pai, passando-me o puré de batata ao jantar. — Não ficaste outra vez o dia todo enfiado no quarto, pois não, rapaz? Sabes, fazia-te bem apanhar um bocado de ar fresco.

Levei um minuto a responder. O que é que eu podia dizer-lhe? «Pai, fugi de casa e passei a tarde aprisionado por uma cobra venenosa»? Talvez o meu pai se sentisse culpado. Afinal, tinha sido por causa dele que eu fugira de casa. Bem, por causa dos batuques dele.

O meu pai tinha perdido o emprego, e a maior parte do cabelo, no ano passado, e decidira reviver os seus tempos de juventude, ou qualquer coisa do género, tocando bateria. Andava a «puxar o lustro» aos conhecimentos antigos para ir a uma audição com uma banda em Austin, dissera.

Nessa tarde, tinha tentado que eu tocasse com ele, passando-me para as mãos chocalhos e ferrinhos, e fazendo um aceno com a cabeça na altura em que eu devia percuti-los. Um momento de partilha entre pai e filho.

Disse-lhe que os sons me davam dores de cabeça.

Não estava a mentir.

— És tão sensível, Peter... — dissera o meu pai, desapontado comigo como de costume. — Tens de ser mais rijo.

Devia ser a milésima vez que eu ouvia isto. Mas, por qualquer razão, naquele dia fez-se luz. Para o meu pai, eu nunca seria suficientemente rijo.

Interroguei-me se ele acreditaria que eu era mais rijo do que uma cascavel. Levantei os olhos do prato. Não. O meu pai estava com a sua eterna expressão de «Porque é que o meu filho é tão anormal?». Por isso, limitei-me a responder:

— Fui dar uma volta.

— Ah, sim? — A minha mãe endireitou-se e desviou o olhar do colo, onde tinha estado a escrever qualquer coisa no telemóvel, por baixo da toalha da mesa. Provavelmente a tentar entrar no Facebook, apesar de ser praticamente impossível ter rede neste fim de mundo. — Onde é que foste? Encontraste alguém?

Pensei na cobra e um sorriso aflorou-me os lábios. Não creio que fosse este tipo de encontro que a minha mãe tinha em mente.

A minha irmã mais velha, a Laura, parou de levar colheiras de papa à boca da Carlie (eram mais as que iam parar à camisola e ao babete, visto que a Carlie era uma espécie de alvo em movimento) e interrompeu:

— Estás a gozar, não? É óbvio que não encontrou ninguém. Que pergunta, mãe! Vocês mudaram-nos para o cu de Judas. Não há ninguém num raio de pra aí oitenta quilómetros.

— Laura, essa atitude negativa tem de acabar — contrapôs a minha mãe. — Ficas a saber que há dois rapazes da idade do Peter que vivem numa casa só a quilómetro e meio daqui. Este lugar é ótimo para nós. Não demoro mais a chegar ao escritório, dado que não há quase trânsito nenhum...

— Porque não há ninguém — interrompeu a Laura, recostando-se na cadeira e atirando bocados de quiabo para a boca, zangada. — Zero civilização — resmungou com a boca cheia de baba de quiabo.

— Zero namorados com tatuagens, zero ganzados... — acrescentou o meu pai, piscando-me o olho.

Tentei não sorrir. Fui o único a ouvir este último comentário, pois a minha mãe já tinha recomeçado a falar.

— Olha quem fala de civilização, Laura Elizabeth Stone... — Franziu o sobrolho. — Agora come-se com as mãos, é? Quando recomeçarem as aulas no outono, acho que é melhor teres uma atitude mais simpática...

Isto voltou a enfurecer a Laura, desta vez sobre o seu novo tópico de eleição, que era o de ter de frequentar uma escola secundária rural onde o acontecimento principal do verão era um *rodeo* e em que oitenta por cento dos miúdos criavam cabras e vitelos para a 4-H¹.

A zona das montanhas era muito diferente, disso não haja dúvidas. Diferente do nosso apartamento em San Antonio, onde tínhamos vivido durante quase onze anos. Só estávamos na casa nova há uma semana, mas já chegava para poder dizer que nunca seria o nosso lar. Não tinha nada de aconchegante: era uma estrutura de madeira com dois pisos e trinta anos, revestimento exterior de vinil de três cores diferentes e janelas tão desconjuntadas que abanavam quando o vento soprava com um bocado mais de força.

Odiava-a. Acho que todos a odiávamos. Mas não tínhamos tido escolha. O nosso senhorio dissera que a bateria e as guitarras do meu pai estavam a pôr os outros inquilinos em fuga.

— A dar com eles em doidos — queixou-se ele no dia em que nos deu a notícia de que não nos renovaria o contrato.

¹ Organização não-governamental, para jovens, que apoia iniciativas de desenvolvimento pessoal em regime comunitário, várias delas relacionadas com atividades rurais. (NT)

Eu não o culpava. O barulho que a minha família fazia era inacreditável. A televisão estava sempre ligada, com o volume suficientemente alto para abafar as birras e o choro constantes da Carlie. A minha mãe, se estivesse em casa, ou estava a falar ao telefone ou a barafustar com as minhas irmãs e comigo. Quando lhe cheirava que estávamos a fazer ouvidos moucos ao que ela dizia (que era praticamente sempre), limitava-se a falar mais alto.

Como naquele momento, ao discutir com a Laura. A minha cabeça começou a sentir-se comprimida, como se algo a apertasse lentamente, mas com força. A Carlie parou de cuspir comida para o tabuleiro e começou a chorar. Eu debicava o rolo de carne que tinha no prato e pensava no vale que tinha descoberto naquele dia. Onde tinha encontrado a cobra...

Não era assim tão longe. Era só atravessar uns campos de mato, catos, e umas quantas árvores raquíticas e arbustos com mais espinhos do que folhas. Depois, passar para o outro lado da colina, deixando os campos para trás, transpor a cerca de travessas de madeira dos caminhos de ferro empilhadas diagonalmente umas por cima das outras (como uma versão em ponto grande das construções que se fazem no infantário com paralelepípedos de madeira) e atravessar a estreita faixa de asfalto que estava a ser reconquistada, de ambos os lados, por ervas e flores silvestres.

À distância suficiente para já não ouvir choros, gritos ou batuques de bateria.

Tinha parecido um sonho. Pela primeira vez em anos, não tinha ouvido carros ou comboios, televisões ou jogos de vídeo, ou gente. Não vira um único telhado; não vira, sequer, um avião no céu.

Tinha estado sozinho pela primeira vez em toda a minha vida, quase. E tinha gostado.

Não; tinha adorado. Lá, no meio do nada, o bater do meu coração era o som mais audível do mundo.

A Carlie soltou um guincho. Naquele momento, a minha cabeça era a única coisa que batia. Bem, a minha cabeça e os pés da Carlie, contra a parte de baixo do tampo da mesa.

— Não podíamos, ao menos, ter arranjado uma casa melhor? Uma com Internet de banda larga? — perguntou a Laura. — Isto é como estar a viver em Marte.

— É verdade — concordou o meu pai com a boca cheia de salada. — Essa parte é chata. Talvez se consiga que a operadora de comunicações por cabo nos instale...

— Estamos a viver só com um ordenado — silvou a minha mãe. — O meu. Ou esqueceste-te?

O meu pai levantou o queixo na minha direção, como se fosse suposto eu dizer alguma coisa.

Eu sabia muito bem quando ficar calado.

O meu pai não. Revirou os olhos. Para a minha mãe.

— Como se tu mo deixasses esquecer um minuto que fosse... Nhanhanha, nhanhanha, sempre a moer-me o juízo.

Fiquei imóvel. A Laura também. Até a Carlie fez uma pausa na birra. E, então, o mundo explodiu em ruído: a minha mãe e o meu pai começaram a discutir, atirando culpas e insultos um ao outro tão depressa quanto eram capazes, como se estivessem a tentar ganhar uma batalha de comida invisível.

E não se importavam com quem fosse atingido.

— Escolheste esta casa sem sequer me consultares, Maxine. Lá porque estou fora do mercado de trabalho, isso não significa que esteja fora da família — gritou o meu pai. O que disse a seguir foi como um tiro: — Por enquanto...

A Carlie chorava agora a plenos pulmões e a Laura pegou nela ao colo e pôs-se a embalá-la com uma melodia suave qualquer, mas sem nunca tirar os olhos dos nossos pais. Tinha um ar tão assustado como o que eu deveria ter.

Estava tudo acabado? Iam separar-se?

Os meus pais sempre discutiram, normalmente no quarto deles, à noite, quando pensavam que nós já estávamos a dormir. No entanto, desde que o meu pai fora despedido há onze meses (na mesma semana em que a minha mãe fora promovida a diretora-adjunta no banco), a gritaria tinha piorado muitíssimo.

— Sabes perfeitamente que tínhamos de sair da cidade, Joshua — disse a minha mãe, baixando a voz. — E sabes porquê.

Senti os olhos dela em mim, os olhos dos dois.

Talvez a culpa de termos sido despejados *fosse* do meu pai. Mas tinha sido por minha causa que mudáramos para ali, para longe da cidade que todos adoravam. Eu tinha perfeita consciência disso. A Laura não passava um dia sem mo lembrar.

Os olhares deles calcinavam-me a pele.

— Dão-me licença que me levante da mesa? — A minha voz não foi além de um murmúrio. Demasiado baixa; ninguém ouviu.

A dor de cabeça estava a agravar-se, a grande velocidade. Era como se qualquer coisa estivesse a estilhaçar-se atrás do meu olho direito. Como se o meu cérebro estivesse sob ataque.

Sustive-me tão imóvel como nessa tarde e desejei estar novamente na orla do vale.

E nisto, na minha mente, era lá que estava.

Senti a pele arrepiar-se. Como se algo me observasse. Algo invisível e misterioso e vasto. Parecia que o vale estava à espera de ver o que eu faria a seguir. Mantive-me imóvel mais tempo do que alguma vez até então, interrogando-me sobre o que devia fazer.

E, a dada altura, o vale respirou.

O vento deslocou-se pelo côncavo do vale, curvando árvores e arbustos à sua passagem, como se a terra fosse um gato gigantesco a ser acariciado. Avançava depressa, ainda mais depressa. Estava quase aqui, quase em mim.

Iria o vento derrubar-me?

O ar quente passou por mim a grande velocidade e o entrecostar de folhas soava a sussurros excitados nos meus ouvidos. Era quase como um... sibilar?

Sorri, lembrando-me da cascavel. Tinha permanecido de tal maneira imóvel quando ela deslizou pelos meus pés que é provável que tenha pensado que eu era uma árvore, ou uma pedra. Pensado que eu pertencia ali.

Fiquei horas de pé, cobra à volta dos tornozelos, medo na garganta. A brisa voltou a soprar, empurrando-me fios de cabelo de encontro aos ouvidos. Fez-me lembrar de quando a minha avó era viva e me afastava o cabelo para trás, por trás das orelhas, com a delicadeza de uma pena.

O mundo à minha volta despertou, como uma orquestra a afinar os instrumentos. Algures à minha direita, um pássaro começou a cantar: uma série de trinados desconjuntados. Uma cotovia, pensei. Juntaram-se-lhe gafanhotos e sapos. Algo maior deve ter-se movido, dado que ouvi o baque distintivo de pedras a chocar umas nas outras e a rolar encosta abaixo.

O sol bateu-me na cara e, mesmo de olhos fechados, vi as sombras das nuvens que se deslocavam pelo céu quando a luz por trás das pálpebras passou de vermelho a preto, e novamente a vermelho.

Alguém, algo, estava a observar-me. Um arrepio percorreu-me a espinha e fiquei com pele de galinha nos braços. Era a mesma sensação que costumava ter quando a professora se inclinava sobre a minha secretária para me dar os parabéns pelo meu trabalho, em voz baixa, para que mais ninguém ouvisse.

Nisto, outra coisa provocou-me novo arrepio. A cobra estava a mexer-se.

Abri os olhos e fiquei à espera, enquanto ela se desenrolava dos meus tornozelos e começava a deslizar sinuosamente pelo solo rochoso na direção de um arbusto. Depois, com uma sacudidela de guizos, deslizou sob o arbusto como se nunca tivesse estado, de todo, nos meus tornozelos.

Expirei o ar que tinha nos pulmões e dei meia-volta para ir embora, os pés dormentes do esforço de estar sem me mexer no mesmo lugar durante tanto tempo. Por instantes, tive vontade de gritar, urrar e uivar tão alto quanto conseguisse. Mas antes que o fizesse, um falcão passou a voar e chamou por mim: crocitou e girou mesmo por cima da minha cabeça, como se estivesse a dizer-me olá. Ou a congratular-me.

Acenei-lhe com uma mão, interrogando-me pelo porquê de o guincho de resposta do falcão ter soado a uma gargalhada. Pelo porquê de a súbita rabanada de vento se ter assemelhado a mãos delicadas empurrando-me os ombros. Fingindo estar a tentar derubar-me, como o meu avô costumava fazer quando nos sentávamos no alpendre da casa dele em Houston, só nós dois, ele a contar anedotas indecentes e eu a abafar o riso para que a minha mãe e o meu pai não viessem ouvir e obrigá-lo a parar.

De repente, a cascavel pareceu-me uma das brincadeiras dele. Perigosa e divertida e privada. É que ninguém acreditaria em mim se eu a contasse.

— Peeeeter?

O vale desapareceu e eu pestanejei. A Laura estava a acenar a mão em frente à minha cara. Não sei há quanto tempo estaria a fazer aquilo, quanto tempo estivera eu de olhos postos no meu prato.

Deve ter sido um bom bocado. A Laura parecia genuinamente preocupada, e a voz dela tremia quando perguntou:

— O que é que se passa contigo, Peter?

Capítulo 3

— Peter? — repetiu a Laura, desta vez mais alto. Tinha a mão dela no meu braço. Há quanto tempo estaria a tocar-me? Nem sequer a tinha sentido. Estivera perdido nos meus pensamentos. — Estavas a ter um ataque, ou qualquer coisa assim?

A minha mãe e o meu pai ainda estavam a discutir, em sussurros zangados, mas junto à porta. Para que não ouvíssemos? Chegaram-nos algumas palavras:

— ... a conta do psicólogo ou a do supermercado? Tens de te esforçar mais. Ele precisa de mais ajuda. Ainda não voltou a ser ele próprio...

A falar sobre mim. Senti o sangue subir-me às faces e sacudi a mão da Laura do meu braço.

— Não. Não é nada. Estava a sonhar acordado. Não precisas... Deixa-me sossegado.

Olhei para o meu braço. Sem querer, a Laura tinha transferido um bocado de papa da Carlie para a minha pele.

— Nojento, Laura.

Dei um piparote no bocado de comida, com vista a acertar nela.

— Como queiras... — disse ela. — Sê assim. Anormal.

Tirou o telemóvel do bolso e, levantando-o, foi experimentando vários pontos da sala à procura de rede, ignorando-nos a todos.

Pigarreei.

— Mãe, dão-me licença que me levante da mesa? Mãe? Mãe?

Não creio que me tivesse ouvido mas, nesse momento:

— Pip! — A Carlie gritou a versão dela do meu nome a plenos pulmões. — Pip!

A minha mãe virou a cabeça na nossa direção.

— Precisas de alguma coisa, Peter?

— Estou com dores de cabeça — disse. — Dão-me licença que me levante da mesa?

A minha mãe ficou um minuto de volta de mim, tentando que eu tomasse um paracetamol e, quando me recusei, meteu-me um biscoito de pepitas de chocolate na mão, como se fosse uma receita secreta de analgésico.

— Vê um filme connosco esta noite — disse-me enquanto eu levantava o meu prato. — Vamos fazer uma maratona de *Velocidade Furiosa* durante o fim de semana, para celebrar termos desencanaixotado e arrumado quase tudo em tão pouco tempo.

— Não, obrigado. Vou antes para o meu quarto. — A minha mãe mordeu o lábio inferior; percebi que estava a tentar não responder. — Vou ler, mãe. É só isso.

Não estava a mentir. Percebi que era boa ideia voltar a ler sobre cobras. Podia vir a ser útil.

Levantei-me da mesa e estava praticamente a chegar à porta do quarto quando me lembrei de que tínhamos posto todos os livros de animais na sala de estar. Ia de novo a caminho da sala quando ouvi a Laura a dizer baixinho:

— O que é que se passa com o Peter? Repararam que ele estava para ali sem se mexer, como uma pedra? Não devíamos ter mudado de casa. Ele está pior do que nunca. Digam a verdade. Ele está comatoso ou assim? Vocês deixaram-no cair de cabeça quando ele era bebé?

— Laura Stone! — A minha mãe falou em tom severo mas, tal como a Laura, em voz baixa. — O teu irmão não tem problema nenhum. É só... diferente. Introvertido. E sabes bem aquilo por que ele passou na primavera passada. Tínhamos *mesmo* de mudar de casa, por mais de uma razão. Por isso, para de te queixares. E lembra-te, sê positiva ao pé dele.

— Seja — respondeu a Laura. — Já tentei. É igual ao litro. Desde que mudámos que anda cada vez mais esquisito. Já viste que passa o tempo todo sozinho? Não é bom para... o que quer que ele tenha.

— Sabes, és capaz de ter razão — começou o meu pai. — Quer dizer, ele sempre foi um miúdo silencioso; é difícil saber em que é que está a pensar ou o que está a sentir. Mas é bem possível que esteja a ficar mais deprimido desde que nos mudámos. Pergunto-me se...

Regressei ao meu quarto em bicos dos pés sem o livro das cobras, com as faces a esquentar, sem vontade nenhuma de ouvir o que o meu pai ia dizer.

Não é que eu fosse fazer alguma coisa, dissesse ele o que dissesse. Não ia entrar de rompante na sala e defender-me. Confrontá-los (confrontar quem quer que fosse) assustava-me mais do que fugir; a questão nem se punha. A Laura tinha-mo dito mil vezes, e era verdade: eu era um mariquinhas. Um banana. Um embaraço.

Todos eles achavam que eu era defeituoso. Tinha ouvido a minha mãe dizer ao meu pai mais do que uma vez que eu tinha «nascido na família errada». E até sabia o que eles queriam dizer com aquilo; eu não tinha afinidade com eles, exceto, talvez, com a Carlie. Quando ela estava a dormir.

Mas o facto de o saber não fazia com que doesse menos.